

modo, a contemplação viesse a acabar em acção. Com efeito, desempenhou de tal forma o cargo de Geral da sua Ordem que aumentou o mérito da virtude na grei que lhe tinha sido confiada, foi fechada a porta aos vícios e os costumes foram submetidos à disciplina (cf. São Boaventura, *Epistolae Officiales*, II, 1: *Opera Omnia*, III, pág. 712). Tendo sido elevado à dignidade cardinalícia, correspondeu de tal modo às expectativas do Sumo Pontífice, que, com ele, pôde dedicar-se ao culto divino e ao serviço da Igreja universal (cf. São Gregório X, *Epistolae Fratris Bonaventurae Ordinis Minorum Generalis Ministri: Bullarium Franciscanum*, III, pág. 206 a).

De igual modo pensava o Doutor Angélico ao exaltar a actuação da vida activa «que nasce da plenitude da contemplação» (São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II<sup>a</sup>, q. 188, a. 6); São Boaventura associou-se-lhe, do mesmo modo que na altura de levar o jugo do Senhor São Francisco se uniu a São Domingos (cf. São Boaventura, *Sermones de Sanctis, De Sancto Dominico: Opera Omnia*, IX, pág. 565 b). Por tudo isto, estes dois lumináres da Igreja continuam ainda nos nossos dias a ser «os dois príncipes da Teologia» (Pio XII, *Litterae Encyclicae Sacrae Virginitas: Acta Apostolicae Sedis*, 1954, pág. 165), e brilham com um duplo fulgor diante de todo o povo santo de Deus.

Com o que acabámos de dizer demonstra-se que São Boaventura, apesar dos sete séculos decorridos desde a sua morte, continua a ser válido mestre de doutrina e de vida, com as suas palavras e acções. Unimos as nossas às suas palavras, exortando todos os filhos da Igreja a fixarem os olhos em quem agiu deste modo (cf. Flp. 3, 17).

É-nos grato também dirigir a Deus aquela oração que dizemos no dia que lhe é dedicado: «que beneficiemos da sua preclara erudição e emulemos constantemente o fervor da sua caridade» (*Missale Romanum*, *Typographia Polyglotta Vaticana*, 1970, p. 578).

## **Mensagem de S. Boaventura: convite ao homem para reconquistar a sua verdadeira autenticidade e chegue à plenitude da sua personalidade \***

PAULO VI

De muito boa vontade fizemos o breve percurso que da Nossa morada Nos trouxe até aqui.

A circunstância que deu motivo a esta Nossa visita e a solicitude de Pastor de todo o Povo de Deus, que sempre guia os nossos pensamentos e dirige os Nossos passos, fazem-Nos partilhar os mesmos sentimentos que enchem a alma de

---

\* Discurso do Santo Padre, tido no «Seraphicum», aos participantes no Congresso Internacional comemorativo do sétimo centenário de S. Boaventura. Cf. «L'Osservatore Romano», ed. portuguesa, de 29/IX/1974, pp. 4-5.

São Paulo no momento em que ele se repropunha visitar os primeiros Cristãos de Roma: «... ao vir até junto de vós, virei com a plenitude da bênção do Evangelho de Cristo» (Rom. 15, 29).

1. Sabemos que nesta sede, que se honra do ilustríssimo nome do Doutor Seráfico, estudiosos de vários graus e de diversas proveniências comemoraram a multifórmula personalidade de São Boaventura de Bagnoregio, por ocasião do sétimo centenário da sua morte, como para coroarem as solenidades afins que se fizeram noutros lugares e sob outras formas.

A todos aqueles que de algum modo tomaram parte em tais solenidades, temos gosto em manifestar a Nossa complacência e a Nossa gratidão. Mas ao mesmo tempo pensamos dever formular votos por que estas celebrações de um centenário de morte levem a uma mais brilhante celebração de vida, como a que Boaventura, com o seu exemplo e o seu magistério, sem dúvida pode transmitir mesmo à Igreja do nosso tempo. Não é verdade que Nós mesmo escrevemos, na Carta enviada aos Prepósitos-Gerais das três Famílias Franciscanas, com data de 15 do passado mês de Junho, «hunc ipsum doctrinae vitaeque magistrum adhuc loqui, quamvis abhinc septem saecula mortuum» [este Mestre de vida e de doutrina, fala ainda hoje, apesar de ter morrido há sete séculos]?

2. Uma vez, pois, que Nos encontramos por alguns momentos entre vós, que sois filhos dedicados deste Santo, ensinai a sua doutrina, segui o seu pensamento e divulgai as suas obras, não podemos deixar de Nos sentir atraído por um livro seu, de título breve mas que, apesar de não entrar no número das grandes obras de Boaventura se nele se considera só o volume do conteúdo, é sem dúvida um dos mais célebres e mais comentados, e de tal modo o qualifica, que só por si basta, pode dizer-se, para o apresentar na história da cultura medieval sob o seu aspecto característico e unitário. Referimo-Nos, como com razão já adivinhastes, ao livro intitulado «Itinerarium mentis in Deum», composto no Monte Alverne, no ano de 1259.

Este título «Itinerarium» apresenta-se, a nós que vivemos hoje e somos os últimos e os mais críticos herdeiros do património doutrinário de São Boaventura, cheio de interesse, e por isso é bem aceite, em virtude de algumas simples mas exactas e preciosas indicações, que nos fazem sentir, com alegria, muito próximo de nós o seu Autor, como guia e como intérprete de determinadas tendências da nossa mentalidade. «Itinerário»: já no próprio título nos parece descobrir um movimento do espírito humano que tudo procura e tudo perscruta, exactamente ao modo inquieto e progressivo da cultura hodierna, que se propõe, sim, estudar a natureza, mas na maior parte das vezes, ao longo do caminho das ciências da filosofia e da teologia, facilmente se cansa e pára em determinadas mansões como se fossem as últimas e supremas; ao passo que, pelo contrário, o «Itinerário», ao ter em vista a única meta que pode recompensar o trabalho da longa e fatigante caminhada, vai direito ao termo supremo da Verdade divina, a qual coincide exactamente com a divina Realidade. O «Itinerário» de Boaventura reconhece o valor das etapas intermédias, que marcam a ordem dos nossos conhecimentos, mas tende para subir sempre mais alto, exercendo constantemente o esforço quer experimental quer lógico do pensamento, satisfazendo assim as exigências inatas de uma pedagogia quer sensível quer racional e espiritual, tal como mesmo a melhor escola do nosso tempo pode exigir.

Além disso, o «Itinerário», inspirado e confirmado pela influência de Santo Agostinho que incitava à ascensão, com as palavras «Quaerere super nos», chega, por fim, ao limiar do Mistério Infinito; porém, não pára ali, mas prossegue ainda, como se

deixasse de subir, noutra direcção, quase em descida, abrindo um caminho novo: o da interioridade do espírito humano, onde Cristo, luz e alimento, precede nas regiões da alma, em direcção a uma nova e não menos árdua busca, que se faz não já fora, isto é, na ordem das coisas criadas, mas dentro de nós, continuamente dirigida para a inefável Presença de Deus que, pela Sua graça, para Si instalou na alma uma nova e mística morada.

Foi este o caminho que Frei Boaventura felizmente seguiu, e, com igual sabedoria propõe aos homens de hoje que o sigam: o «Itinerarium mentis in Deum», que se propõe reformar o homem por dentro, e abrir diante dele um caminho novo pelo qual o homem possa chegar a Cristo Senhor<sup>1</sup>.

Falámos do caminho seguido e proposto por Frei Boaventura. E empregámos de propósito a palavra «Frei» (de Frater, Fratrís, irmão), uma vez que ela, não menos do que a mais prestigiosa de «Cardeal», Nos parece apta a qualificar a sua vida e a sua excelsa mensagem.

De facto, ele, mais do que outros religiosos que naquele tempo surgiram na Igreja, compartilhou as vicissitudes da sua Ordem, fundada pouco antes, e à qual muito deu, depois de ter recebido muito dela. E soube estabelecer um permanente contacto existencial com o Fundador, do qual recebeu inspiração ascética e um profundo sentido eclesial, e do qual se tornou como que a «conscientia cogitans», a consciência pensante. Assim foi que se dirigiu aos lugares onde S. Francisco nascera, vivera e morrera, a fim de reconstruir e transmitir à posteridade a verdade autêntica da sua vida<sup>2</sup>. E como nas grandes tarefas que lhe foram confiadas sempre deixou para depois a «sinistra cura», isto é, o cuidado das coisas temporais (cfr. Dante A., *Paraíso*, XII, 128 ss.), retirou-se para o Monte Alverne, em busca de paz para o espírito num lugar sossegado<sup>3</sup>; monte que, em virtude da experiência singular que S. Francisco lá teve de Cristo, homens considerados prudentes ainda contam entre os mais altos lugares do espírito<sup>4</sup>.

Foi ainda de S. Francisco que ele aprendeu aquela segura e belíssima forma de louvar a Deus em todas as criaturas e a partir de todas as criaturas... bem como de crer firmemente e simplesmente confessar a verdade da fé, segundo aquilo que a Santa Igreja Romana professa e ensina<sup>5</sup>.

Não é verdade que nesta fonte franciscana tem origem aquela operosidade de vida e aquela serenidade de pensamento que foram características de Frei Boaventura e que proclamam abertamente estar Deus perto de nós na Natureza, e dentro de nós pela Fé?

3. Efectivamente, o itinerário espiritual proposto por São Boaventura aos outros, de igual modo que o que ele mesmo percorreu, não é uma viagem solitária para uma meta longínqua e totalmente desconhecida. É caminhar juntamente com o Filho de Deus, que, feito homem, se conformou com a nossa imagem humana, para nos elevar à sua própria imagem divina, impressa no homem no preciso momento em

---

<sup>1</sup> Cfr. Paulo VI, *Alocução de 9 de Maio de 1973*: AAS 65 (1973) 323; *Bula «Apostolorum Limina»*, de 23 de Maio de 1974: AAS 66 (1974) 306.

<sup>2</sup> Cfr. «*Legenda maior*», Prol. n. 4: «*Analecta Franciscana*», t. X, p. 559.

<sup>3</sup> «*Itinerarium mentis in Deum*», Prol. n. 2: «*Opera omnia*», t. V, p. 295.

<sup>4</sup> Cfr. J. GUITTON, em «*L'Osservatore Romano*», 25 de Outubro de 1973, p. 3, col. 1.

<sup>5</sup> «*Legenda maior*», cap. 4, n. 3: «*Analecta Franciscana*», t. X, p. 572.

que o homem foi criado<sup>4</sup>. Em Cristo, que se tornou Irmão do género humano<sup>7</sup>, também o criado «tamquam pulcherrimum carmen»<sup>8</sup> voltou a ser voz que fala de Deus e nos obriga a descobrir a Sua presença, a honrá-l'O e a glorificá-l'O em todas as coisas, se não queremos que todo o universo se levante contra nós<sup>9</sup>. E do facto de Cristo, Deus desde a eternidade e homem para a eternidade, pela sua graça haver realizado nos fiéis uma nova criação, segue-se que a descoberta da presença de Deus nos mesmos fiéis se transforma em contemplação de Deus nas próprias almas, onde E' e habita com os dons da Sua infinita caridade<sup>10</sup>. Essa contemplação transforma-se, pois, em itinerário para Deus, itinerário que se faz dentro de nós mesmos, tendo-se Deus dignado fazer em nós a Sua morada (cfr. Jo. 14, 23).

Como é maravilhoso o encontro ao qual nos conduz este itinerário interior! Conduz-nos à descoberta da graça como fundamento da rectidão da vontade e da iluminação perspicaz da razão<sup>11</sup>; à descoberta da fé pela qual é aperfeiçoada a nossa capacidade cognoscitiva, e o nosso conhecimento participa do conhecimento que Deus tem de Si mesmo e do mundo; à descoberta da esperança, que nos prepara para o encontro irreversível com Cristo Senhor e para a consumação da amizade que desde já nos liga a Ele; e finalmente à descoberta da caridade, que nos associa à vida divina e nos leva a considerar, segundo a vontade de Deus, todos os homens como nossos irmãos.

4. Em definitivo, que significa a mensagem de São Boaventura senão um convite dirigido ao homem para que ele reconquiste a sua verdadeira autenticidade e chegue à plenitude da sua personalidade?

Nós confiamos esta mensagem a todos e cada um de vós que, ou pela comunhão da profissão religiosa, ou pela consonância de ideias, sois os mais directos herdeiros do Doutor Seráfico, a fim de que vos dediqueis a aproveitar da sua riqueza e a difundir a aceitação da mesma. Mas confiamo-la igualmente a todos os filhos da Igreja, que, hoje talvez mais do que nunca, se encontram expostos a um processo de decomposição interior. E fazemo-lo, com a intenção de que, meditando diligentemente sobre esta mensagem, cada um se ajude a fazer da própria vida um testemunho eficaz, tanto na Igreja como no mundo.

Que Deus omnipotente vos torne dignos do Seu chamamento, e faça pelo Seu poder, que se realizem plenamente todos os vossos bons propósitos e o labor da vossa fé (2 Tess. 1, 11). De boa vontade confirmamos este voto com a Nossa Bênção Apostólica.

<sup>4</sup> Cfr. «Vitis mystica», cap. 24, n. 3: «Opera omnia», t. VIII, p. 189.

<sup>7</sup> «In Evang. Luc.», 22, 66: «Opera omnia», t. VII, p. 561 a.

<sup>8</sup> «In I Sent.», d. 44, a. 1, q. 3, concl.: «Opera omnia», t. I, p. 786 b.

<sup>9</sup> Cfr. «Itinerarium», cap. 1, n. 15: «Opera omnia», t. V, p. 299.

<sup>10</sup> «Itinerarium», cap. 4, n. 4: «Opera omnia», t. V, p. 307.

<sup>11</sup> «Itinerarium», cap. 1, n. 8: «Opera omnia», t. V, p. 298.